

# As vozes em William Wilson: uma análise da polifonia em Poe a partir de um enfoque psicanalítico<sup>1</sup>

Gisele Fernandes Loures Domith<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo apresento um recorte da pesquisa Polifonia em Poe: um enfoque psicanalítico, em que analisei o fenômeno discursivo da polifonia no texto literário de Edgar Allan Poe, tendo como *corpus* cinco contos: “William Wilson”, “A queda da casa de Usher”, “Ligéia”, “O retrato oval” e “A máscara da morte rubra” (LOURES, 2003), enfocando os processos identificatórios a partir da Análise do Discurso da corrente histórico-ideológica (PECHÊUX, 1998, 2001, 2002) em interface com a psicanálise lacaniana (LACAN, 1992, 1998).

Palavras-chave: Análise do discurso; polifonia; sujeito; discurso literário; Edgar Allan Poe

## Introdução

Esta pesquisa originou-se do interesse em estudar o fenômeno da polifonia em manifestações discursivas na narrativa de Edgar Allan Poe, enfocando os processos identificatórios a partir da Análise do discurso francesa e da Psicanálise.

O fenômeno discursivo da polifonia pode ser entendido como o próprio caráter dialógico, por isso heterogêneo, da linguagem, uma tessitura de vozes de outros no discurso de um sujeito (BAKHTIN, 1992). Como o sujeito é constituído na e pela linguagem, ele é, portanto, efeito dessas vozes (PÊCHEUX, 2000; LACAN, 1998). Essas vozes evidenciam formações discursivas que indicam o lugar a partir do qual o sujeito fala: ideologias, sua história, elementos culturais, etc. (Brandão, 1993, p. 38). Contudo, não há um *continuum* sócio-histórico-ideológico no discurso, assim, pode-se dizer que não há uma única formação discursiva e, portanto, há diferentes articulações para um (mesmo ou outro) dizer. Isto implica uma pluralidade de sentidos, polissemia sempre à deriva.

Dadas essas propriedades constitutivas do discurso, a ilusão do falante que crê em um dizer homogêneo, controlado por si, esbarra nos efeitos das contradições recuperáveis na superfície do dizer, a partir das inflexões entre um “sistema de dispersão<sup>3</sup>” de sentidos dos enunciados em um mesmo discurso, efeitos, ainda do inconsciente, que irrompe no discurso e desestabiliza os dizeres.

---

<sup>1</sup> Agradecimentos ao professor Dr. João Bôsco Cabral dos Santos, professor da UFU, pelas valiosas orientações durante a realização desta pesquisa.

<sup>2</sup> Mestre em Linguística Aplicada pela UFMG. Professora da Faculdade Pitágoras.

<sup>3</sup> Foucault (2004) chamou de “sistema de dispersão” de sentidos dos enunciados os agrupamentos de discursos de uma trajetória discursiva a partir dos quais se identificam uma mesma formação discursiva.

Também são nessas fissuras discursivas (chistes, retoques, glosas, adversativas, etc.) que podemos perceber um sujeito incompleto, regulado pela necessidade do Outro (inconsciente), objeto do desejo e causa da simbolização (linguagem), promessa de completude e satisfação egocêntrica, que atua constantemente em nossa constituição subjetiva (AUTHIER, 2004).

### **1. A noção de sujeito na AD da corrente histórico-ideológica: o outro e o um**

Authier-Revuz (1982) questiona a unicidade do sujeito centrado no eu cartesiano, absoluto, “todo-poderoso” senhor da linguagem, uma vez que o sujeito é produto de uma trajetória discursiva, integrante de um contexto sócio-histórico, que interage com outros.

Segundo Jacques Lacan, o sujeito é um efeito de linguagem, na medida em que se constitui na/pela linguagem, isto é, pela capacidade de representar simbolicamente a si e aos outros. Os elementos resgatados pelo sujeito em seu discurso podem revelar a natureza conflitiva do próprio sujeito, que, segundo Lacan, encontra-se entre o consciente e o inconsciente.

O consciente, em seu sentido lato, é explícito, evidente ao sujeito, assim, representa a parte dita controlada das próprias ações, falas, escolhas ideológicas e discursivas. Contudo, o inconsciente, como Lacan bem determina “...é esse capítulo da minha história marcado por um branco, ou ocupado por uma mentira: é capítulo censurado... que... pode ser recuperado, reconstruído a partir dos traços deixados por esses apagamentos, esquecimentos...” (Idem, p. 54), um traço único que Lacan chamou objeto a. Em busca deste objeto que supostamente representa o objeto do desejo, se permanece incompleto.

A recuperação do dizer do inconsciente no discurso se faz pela articulação deste com seu avesso, explicitando o que a “máscara” da ilusão de homogeneidade discursiva oculta. O avesso marca, portanto, um ponto de inflexão no discurso de um sujeito, uma vez que revela a heterogeneidade que o constitui.

A esse respeito, Pêcheux (1975) afirma que:

É nesse ponto que a concepção de um discurso heterogêneo atravessado pelo inconsciente se articula com uma “teoria do descentramento” do sujeito falante: **O sujeito não é uma entidade homogênea, exterior à língua, que lhe serviria para “traduzir” em palavras um sentido do qual seria a fonte consciente (Authier-Revuz, 1982: 136)** (Idem, p. 55)

Este Outro (o inconsciente), segundo Pêcheux (1975), não representa apenas aquele que interage com o “um”, mas aquele a quem (ou a que) se direciona a enunciação,

objeto de desejo desse “um”, sujeito. Aqui tem-se o ponto onde inicia-se a construção da interface entre os processos identitários da AD da corrente histórico-ideológica e os processos inconscientes da Psicanálise freudiana: o outro da enunciação e o outro do desejo.

## **2. O Outro e o outro: o outro do desejo e o outro da enunciação**

A articulação entre um e outro na enunciação pouco se difere da articulação entre as instâncias psíquicas na busca pela realização do desejo. O outro na enunciação representa mais que o sujeito-interlocutor que interage com o sujeito-enunciador. O outro é um elemento constitutivo do sujeito do discurso. Sua voz perpassa o discurso do enunciador, uma vez que esta compõe a rede interdiscursiva a partir da qual este regata e elabora seu discurso.

Contudo, a linguagem que é a instância de “manifestação” do outro discursivo, também é a instância de “manifestação” do Outro, objeto do desejo de completude do sujeito em discurso. A ânsia pela completude e contemplação da imagem sugestionada é a imagem da ilusão de controlador do discurso e da própria linguagem, no dizer psicanalítico, um desejo.

O desejo, para Freud, é uma realização maior que a da necessidade. Em outras palavras:

...o desejo é uma idéia ou pensamento, algo completamente distinto, portanto, da necessidade ou da exigência. O desejo se dá ao nível da representação, tendo como correlato os fantasmas (fantasias), o que faz com que... o desejo tenha que ser realizado. (Garcia-Roza, 2001, p. 83)

Segundo Luiz Alfredo Garcia-Roza (2001), o desejo tomado por Lacan tal como o centro dos pensamentos do sujeito e sua constituição, deve ser pensado distante da satisfação de uma necessidade, aproximando-se do desnaturalizado (o outro coisificado), simbólico, veiculado à linguagem do sujeito. Assim:

Esse desejo só pode ser pensado na sua relação com o desejo do outro e aquilo para o qual ele aponta não é o objeto empiricamente considerado, mas uma falta. De objeto em objeto, o desejo desliza como que numa série interminável, numa satisfação sempre adiada e nunca atingida” (Idem, p.134)

A julgar por esse princípio psicanalítico do desejo, essa satisfação nunca atingida, configura uma falta, um grande abismo, que as estâncias psíquicas buscam incessantemente findar. Deste modo, o desejo caracteriza-se pelo estado da falta do outro – objeto, imagem da satisfação. A obtenção de um objeto desejado faz explicitar a falta de outro objeto: “Toda satisfação obtida coloca imediatamente uma insatisfação que mantém o deslizamento

constante do desejo nessa rede sem fim de significantes.” (Idem, p. 145)

No dizer lacaniano, o sujeito só se articula por e a partir de um desejo, distanciando-se da síntese do sujeito em uma totalidade corporal. Uma vez que escapa ao eu (*persona*) o acesso ao inconsciente, instância psíquica na qual se articulam os desejos.

### **3. Desejo, inconsciente e linguagem**

O caráter inconsciente de um desejo se deve ao recalçamento que é um deslocamento da idéia do desejo da instância consciente para o inconsciente a fim de proteger a *persona* da frustração ou da sensação de desprazer proporcionada pela constante falta do outro frente às pulsões que movem a *persona* na realização de um desejo.

Cabe esclarecer que as pulsões são forças psicossomáticas, concentradas nas instâncias conscientes ou inconscientes do psiquismo que movem o sujeito na busca pelo outro (suposta realização do desejo). As pulsões são reguladas pelo princípio da satisfação, isto é, do prazer; e, em uma instância consciente, pode levar o sujeito ao gozo pleno, à sensação de satisfação. Contudo, em nível inconsciente, a pulsão pode gerar o desprazer, uma vez que o inconsciente se preenche pelos desejos desconhecidos e incontroláveis. Neste ponto, instaura-se a tensão e o mecanismo do recalçamento é acionado no afã de deter a frustração da *persona*.

Se o mecanismo do recalçamento é acionado para proteger a *persona* da frustração ou da tensão gerada pelo desprazer, este não inibe de maneira total a manifestação do desejo ou das consequências de sua não realização. Essa manifestação acontece por meio da linguagem.

O inconsciente se manifesta por meio de elementos simbólicos, fragmentados que Freud identifica como elementos oníricos por terem sido estudados a partir dos sonhos.

Em seu ensaio denominado “O discurso do desejo”, Freud menciona que os sonhos trazem à tona fragmentos dos elementos recalçados, isto é, no momento do sonho, o sonhador tem acesso a fantasias que representariam um desejo inconsciente. A partir de tal premissa, Lacan concebeu a idéia de que tais manifestações oníricas fragmentadas e fantasiosas organizavam-se de maneira metafórica ou metonímica, o que quer dizer que, esses elementos, que representam em parte ou de maneira figurada, um desejo inconsciente, articulam-se, também, na instância discursiva (por meio da linguagem).

Da mesma maneira que as formações discursivas e ideológicas regulam o que pode e deve ser dito, as estruturas e mecanismos das instâncias psíquicas regulam o que deve ou não ser acessível à *persona* e, neste caso, tal regulação também inclui o sujeito. Contudo, são nos apagamentos, nas contraditoriedades e na heterogeneidade constitutiva da própria

linguagem que os fragmentos dos elementos do inconsciente podem ser resgatados e reconstruídos.

No inconsciente, desejo e pulsões, cujos fragmentos podem ser resgatados nas manifestações discursivas, concentram-se em uma “sub-estrutura” a qual Freud denominou ID. É pela existência dessa estrutura inconsciente que Lacan afirma ser o inconsciente “*um capítulo censurado*” de sua história. Contudo, o ID se relaciona com duas outras estruturas das instâncias psíquicas: o EGO e o SUPEREGO e é, por essa razão, possível de ser resgatado na superfície do discurso.

#### **4. ID, EGO E SUPEREGO: as estruturas do sistema psíquico**

Segundo a teoria psicanalítica de Freud, a constituição do sujeito está diretamente ligada às instâncias consciente e inconsciente do sistema psíquico. Esse sistema, por sua vez, é composto por três estruturas: ID, EGO e SUPEREGO.

O ID é a fonte da energia psíquica do indivíduo, um conjunto de impulsos inatos (sexuais e agressivos) e de desejos recalcados. Convertida em pulsões, tal energia existe em função do prazer<sup>4</sup> individual e instintivo. Desprovido de consciência ou moral, desconhecedor da realidade objetiva (do consciente), não rompendo as barreiras da realidade subjetiva (do inconsciente), busca sempre obter a satisfação dos instintos e desejos.

Essa estrutura, o ID, é fonte das agressões e desejos dos indivíduos, sendo considerada por Freud um perigo em potencial, capaz de debilitar e destruir em nome do prazer e da realização própria. Devido a essa potencialidade, Freud afirma ser necessário estruturas reguladoras que inibam os impulsos desenfreados do ID. Tal função cabe ao EGO e ao SUPEREGO.

O EGO é o controlador do psiquismo<sup>5</sup>. Dotado de mecanismos de defesa, regula os impulsos do ID afim de que não prevaleçam comportamentos destrutivos na *persona*. Freud nega a existência de uma força psíquica nessa estrutura, contudo, o EGO gerou-se do ID, podendo ser concebido como a parte deste que se modificou pelo contato e influência da realidade objetiva e do mundo externo à *persona*. Enquanto o ID é regido pelo princípio do prazer, o EGO se orienta pela realidade. É ele quem faz a ponte entre o mundo externo e o

---

<sup>4</sup> É pertinente salientar que o prazer aqui é entendido como a ausência de dor e de tensão na contemplação das necessidades vitais

<sup>5</sup> Aqui o psiquismo é tomado como a força pulsional.

interno<sup>4</sup>, subjulgando-se ao conflito existente entre os dois mundos: o princípio do prazer *versus* o princípio da realidade.

Regido pelos princípios morais instituídos pela e na sociedade, sorvidos pelo contato direto com o mundo exterior, O SUPEREGO, a terceira estrutura das instâncias psíquicas, tem como objetivo principal de constituir o ideal de *persona*, de moralidade e caráter a ser seguido pelo sujeito. O SUPEREGO tem uma função de auto-vigilância, caso seja necessário autuar o EGO quando infringir os parâmetros dessa moralidade.

Assim, o EGO, ameaçado pelas pulsões do ID e pelas pressões do SUPEREGO, procura atender às exigências do ID (aos desejos) com o mínimo de conflito com o SUPEREGO.

Lannoy Dorin (1976), em seu manual de psicologia, explicita a relação entre essas três estruturas:

As exigências do SUPEREGO é que moldam o EGO, mas este é o responsável pelo ajustamento do indivíduo. As forças do ID (instintos sexuais) e as do SUPEREGO pressionam as atividades do EGO. Dos desajustes ocorridos entre esses três sistemas decorrem as adaptações anormais da personalidade (p. 197-8).

As forças do ID, as pulsões, se dedicam à realização dos seus desejos que se faz, segundo Freud, na procura infindável pelo outro, objeto que representa a satisfação do desejo. Esse objeto, estranho ao ID, se torna o outro dessa estrutura, assim como também pode se configurar “um dos outros do enunciador, considerando o sujeito pechêutico.

Assim, construindo uma interface entre os processos identitários da AD de corrente histórico-ideológica e os processos inconscientes da Psicanálise freudiana, pode-se dizer que esse sujeito-enunciador, descentralizado, necessita do outro tanto quanto o inconsciente (por meio do ID) necessita da satisfação de seus desejos, e que ambos veiculam a linguagem por meio desse outro que também pode ser resgatado na superfície discursiva.

Desta maneira, pode-se dizer que para a instauração do outro, (na interface, objeto do desejo do enunciador e de seu inconsciente) esse sujeito “um” se projeta em vários lugares discursivos a fim de atingir esse “outro”: inexplicável, desejado e odiado.

Em Poe, verifica-se a transfiguração do sujeito-autor (sujeito-escritor) que se circunscreve no discurso literário instaurando um lugar discursivo de sujeito-narrador a fim de identificar, encontrar e saciar esse desejo do outro. Para tanto, o sujeito-escritor, transfigurando-se em sujeito-narrador, sem sucesso, vasculha seu mundo externo em busca

---

<sup>4</sup> As noções de mundo externo e mundo interno são tidas sob a perspectiva do limite entre tudo o que é consciente (mundo externo) e o que é inconsciente (mundo interno).

desse outro. Na sequência, se propõe a procurar esse outro em seu próprio inconsciente, que é projetado na figura do sujeito-personagem.

Pensemos então sobre efeitos de sentido dessa tomada de posição do sujeito-autor, ao criar outros sujeitos. A partir de algumas interpretações possíveis no conto *William Wilson*. Percebemos que alguns dizeres do sujeito-autor resvalam por tomadas de posição do sujeito-narrador logo no início dos contos. Este apresenta e descreve de maneira velada o sujeito-personagem, que entendemos como o outro constitutivo do sujeito-autor.

A análise do *corpus* da pesquisa se fez a partir das regularidades determinadas pelas constatações polifônicas no discurso literário em Edgar Allan Poe. Cabe ressaltar que a proposta maior deste trabalho é realizar uma análise dos processos identitário-sujeitudoais em interface com os processos inconscientes da Psicanálise Freudiana, a saber: fenômeno discursivo da polifonia, tomado para este estudo, como sendo a evidência da constitutividade heterogênea do discurso do sujeito-personagem (ou sujeitos-personagens), já que essa constitutividade representa a qualidade da tessitura de um discurso por vozes de “vários Outros”.

Assim, a partir de constatações polifônicas no discurso literário de Poe, que possibilitaram definir as regularidades, observa-se, dentre outras, o constante paralelismo entre o processo de constituição do sujeito e o processo de constituição da instância psíquica inconsciente, percebida através do resgate das vozes de Outros no discurso do sujeito-personagem (ou sujeitos-personagens) dos contos em análise.

Assim como a não satisfação de uma pulsão ou de um desejo inconsciente (recalcado) geram tensão e desprazer, a necessidade do outro (ou Outro) para a completude do sujeito e para a realização do discurso e dos sentidos deste, quando contrárias ao desejo do sujeito-enunciador, também configuram um “desconforto”, gerando igualmente tensão.

Outra característica comum ao desejo, concentrado no ID e, por conseguinte, no inconsciente do sujeito da enunciação é a manifestação de tal desejo por meio da linguagem. O sujeito se constitui no espaço discursivo entre o “um” e o “outro”, assim, o sujeito discursivo se constitui na e pela linguagem, isto é, a linguagem é a instância de manifestação do sujeito, é a instância da qual o analista pode resgatar as vozes do Outro (ou o próprio outro) que constituem o discurso do enunciador, tornando evidente a presença do outro (ou do Outro) no discurso analisado.

De maneira semelhante à manifestação discursiva do sujeito, o inconsciente se deixa desvelar por “vozes” constitutivas do discurso do sujeito-enunciador (um, *persona*).

Como já mencionado no item dedicado ao arcabouço teórico que suporta esta análise, o inconsciente pode ser reconstruído a partir do contraste entre o discurso e seu avesso, isto é, o discurso do sujeito-falante é atravessado pelas “vozes do inconsciente” que se deixa revelar nas heterogeneidades constitutivas do discurso, produto da tessitura de variadas vozes.

## **5. Análise do *corpus***

A projeção do sujeito-escritor nos contos em análise se dá por meio da circunscrição deste no lugar discursivo do sujeito-narrador, hipótese que se confirma, à priori pelo comportamento discursivo do sujeito narrador. Este, sempre inicia os contos descrevendo de maneira velada o sujeito-personagem, que, por meio da matriz geral de análise, pode ser entendido como uma projeção do objeto do desejo do sujeito-escritor, ou seja, o outro.

O sujeito narrador-narrador William Wilson, alega que permitirá apenas que o sujeito-leitor o chame por esse nome, escondendo sua real identidade e com ela, seu inconsciente: “Permiti que, por enquanto, me chame William Wilson”. (Poe, 1997, p.258). Porém, logo adiante, circunscreve seu discurso em um processo descritivo sobre sua história: “descendo de uma raça que se assinalou, em todos os tempos, pelo seu temperamento imaginativo e facilmente excitável...” (Idem, *ibidem*). Entretanto, ao dizer do caráter imaginativo e facilmente excitável de sua descendência, pode-se afirmar que ele próprio admite a manifestação de seus desejos inconscientes, se tomarmos como referencial as premissas freudianas dos estudos do desejo: a manifestação onírica.

A circunscrição do sujeito-escritor no lugar discursivo de sujeito-narrador, evidenciada pela aproximação da imagem desse, circunscrita neste, fundamenta-se na aproximação entre os sujeitos em análise pela modalização do discurso do sujeito-narrador, cuja enunciação se faz em primeira pessoa, o que confere sustentação do caráter verossímil do discurso. Em outras palavras, o sujeito-narrador, evoca o sujeito-leitor a apreender a imagem de homogeneidade por ele veiculada ao discurso. Contudo, as heterogeneidades mostradas em ambos os fragmentos analisados permite dizer que tal homogeneidade é falsa.

Assim, dizemos que nas amostras recortadas dos contos que compõem o *corpus* desta pesquisa, verificou-se a projeção do sujeito-autor (sujeito-escritor) no espaço discursivo do conto. A partir de uma transfiguração e modulação de seu discurso, o sujeito-autor (sujeito-escritor) circunscreve-se no lugar discursivo do sujeito-narrador, projetando no sujeito personagem o Outro de seu discurso, isto é, projetando no sujeito-personagem o objeto de seu desejo, o outro que lhe completaria a trajetória discursiva.



Em *William Wilson*, esse processo se dá de maneira gradativa, uma vez que o sujeito-personagem e sujeito-narrador William Wilson descreve o próprio processo de formação pessoal. Poe, sujeito-autor(sujeito-escritor) do conto, ao tecer sentidos em *William Wilson*, sobre tal processo, utiliza-se de descrições veladas sobre as passagens que explicitam a formação de William Wilson; a começar pela negação à revelação da própria identidade (nome) do sujeito-personagem em questão. Esse processo pode ser reconstituído da seguinte maneira:

- 1- William Wilson, sujeito-narrador e sujeito-personagem, não se identificaria, mas diz das imagens elaboradas a seu respeito e a respeito de sua família e origens:

Permiti que, por enquanto, me chame William Wilson. A página virgem que agora se estende não precisa ser manchada com meu nome verdadeiro. Esse nome já foi por demais objeto de desprezo, horror, de abominação para minha família. (POE,1991, p. 223)

- 2- Apropriação de figuras comuns e triviais para descrever a si próprio: lugares, objetos, etc, são personificados na descrição de William Wilson a fim de revelar-se sem se comprometer com a própria identificação:

Minhas mais remotas recordações da vida escolar estão ligadas a uma grande e extravagante casa de estilo isabelino, numa nevoenta aldeia da Inglaterra. [...] Na verdade aquela venerável e vetusta cidade era um lugar de sonho e que excitava a fantasia. Neste instante mesmo sinto na imaginação o arrepio refrescante de suas avenidas intensamente sombreadas, [...] e estremeço ainda, com indefinível prazer, à lembrança do som cavo e profundo do sino da igreja quebrando a cada hora, com súbito e soturno estrondo a quietação da atmosfera fusca em que embebia e adormecia o gótico campanário crenulado. (Idem, p.224 – grifo nosso)

- 3- Por esta descrição, que é gradativa, William Wilson apresenta fases de sua vida, dinamizadoras de sua formação e descrição:

Descendo de uma raça que se assinalou, me todos os tempos, pelo seu temperamento imaginativo e facilmente excitável (Idem, p.233)

Minhas mais remotas recordações da vida escolar estão ligadas a um casarão de estilo isabelino. (Idem p.224)

Na verdade, o ardor, o entusiasmo, a imperiosidade de minha natureza me tornaram caráter assinalado entre meus colegas. (Idem, p.225)

Pelas passagens e analogias descritivas apresentadas no item 2 e sua relação

com item 3, pode-se admitir a natureza conflituosa sobre a qual se estrutura o sujeito-personagem e sujeito-narrador em análise, no momento em que o próprio descreve a casa em que outrora vivera:

Mas a casa! Que curioso casarão era aquele! Para mim, um verdadeiro palácio de encantamentos! Não havia realmente um fim para suas sinuosidades, era um nunca acabar de subdivisões incompreensíveis. [...] Depois as subdivisões laterais eram inúmeras \_\_\_ inconcebíveis \_\_\_ e tão cheias de voltas e reviravoltas que as nossas idéias mais exatas a respeito da casa inteira não eram mui diversas daquelas com que imaginávamos o infinito.” (Idem, p. 224-5)

4- A relação de William Wilson com os outros: surge alguém a sua própria imagem, de mesmo nome, capaz de desafiá-lo.

Na verdade, o ardor, o entusiasmo, a imperiosidade de minha natureza depressa me tornaram caráter assinalado entre meus colegas, e pouco a pouco, por gradações naturais, deram-me um ascendente sobre todos [...]... com uma única exceção. Essa exceção encontrava-se na pessoa de um aluno que, embora não fosse parente, possuía o mesmo nome de batismo e o mesmo sobrenome que eu. [...] Só meu xará, de todos os que, na fraseologia da escola, constituíam “nossa turma”, atreveu-se a competir comigo... (Idem, p.225-6)

O momento em que William Wilson (sujeito-personagem e sujeito-narrador) é desafiado por outro, de semelhantes traços e características, pode ser entendido como reflexo do conflito interno que já se estabelecera: ID (William Wilson personagem) desafia o EGO (William Wilson, sujeito-narrador) que é pressionado pelo SUPEREGO (Poe, sujeito-escritor) a não ceder a realização de um desejo ou uma pulsão inconsciente. Neste momento, o sujeito-narrador e sujeito-personagem revela a tensão gerada pela não contemplação de desejo inconsciente, o de dominar o outro, recalcado pelo inconsciente, num nível instintivo e intuitivo (ID).

Pela primeira vez o ID e seu desejo são os elementos manifestos no discurso de William Wilson (sujeito-autor, transfigurado em sujeito-narrador e projetado no sujeito-personagem), provocando uma mudança na dinâmica entre os sujeitos do conto: William Wilson, personagem do conto, assume uma imagem fragmentada, diferente da apresentada pelo William Wilson sujeito-narrador e sujeito-personagem, passando a ser identificado apenas como Wilson: “A rebeldia de Wilson era para mim fonte do maior embaraço...” (Idem, p.226)

Sob a perspectiva em que o conflito é apresentado, pode-se entender que esse outro William Wilson/Wilson seria uma criação interna do sujeito-narrador e do sujeito-

personagem William Wilson, partindo do pressuposto de que assim, poderia satisfazer suas expectativas já postas anteriormente (a de controlar o Outro/outro do discurso, objeto de seu desejo).

Desta maneira, no discurso ficcional, o ID do sujeito-escritor, transfigurado em sujeito-narrador manifesta-se ao desvelar do conflito entre esse sujeito e o sujeito-personagem William Wilson/Wilson que configura o objeto do desejo de William Wilson, (sujeito-narrador e sujeito-personagem). Em conseqüência desse conflito, o ID, contrariado em seu desejo, atua enquanto agente destrutivo do psiquismo e mata Wilson, num processo congruente ao do recalque do desejo, isto é, Wilson é eliminado por William Wilson que, ao fazê-lo, destrói sua própria essência, o desejo que, numa visão lacaniana, constitui a razão de ser do sujeito e do inconsciente.

Esse conflito e suas conseqüências constituem o quinto estágio da transfiguração do sujeito-escritor Poe, em sujeito-narrador e sujeito-personagem William Wilson, a fim de atingir o objeto de eu desejo, o outro projetado em William-Wilson/Wilson, sujeito personagem. Assim, segue:

- 5- O desejo não contemplado, a aceitação não atingida: o ID sob tensão aciona seus instintos agressivos e mata Wilson que finalmente, num processo de desvelamento, se mostra parte do sujeito-personagem e sujeito narrador que William Wilson também é morto:

Num total frenesi de cólera...agarrei-o violentamente pelo pescoço. Trajava ele, como eu havia esperado uma roupa inteiramente igual a minha.[...]A luta foi deveras curta... Em poucos segundos obriguei-o, só pela força, a encostar-se ao entablamento da parede e assim, tendo-o à mercê, mergulhei minha espada, com bruta ferocidade e repetidamente no seu peito.[...] Um grande espelho assim a princípio me pareceu na confusão em que me achava, erguia-se agora, ali... minha própria imagem...Assim parecia, digo eu, mas não era.[...] Era Wilson; mas ele falava,... e eu podia imaginar que era eu próprio falando, e assim dizia: Venceste e eu me rendo. Contudo, de agora em diante tu também estás morto... Morto para o Mundo, para o Céu e para a Esperança! Em mim tu vivias...e, na minha morte, vê, por esta imagem que é a tua própria imagem, quão completamente assassinaste a ti mesmo! (Idem, p.234)

Esta última passagem de William Wilson evidencia, o que, pela interface que embasa essa análise, configura a instituição do avesso das vozes, isto é, a coisificação do sujeito-narrador, subjulgado ao seu desejo, projetado no sujeito-personagem.

## Conclusão

A partir das análises de recortes dos contos que compõem o *corpus* desta

pesquisa, que têm como foco os processos identitários da Análise do Discurso de corrente histórico-ideológica, pode-se dizer que as relações identitário-sujeitacionais entre os sujeitos dos contos são produto da dinâmica discursiva em que se circunscrevem o sujeito-escritor (sujeito-autor), o sujeito-narrador e os sujeitos-personagens nas manifestações do discurso literário em Poe.

Pela interface epistemológica entre os processos identitários da AD de corrente histórico-ideológica e os processos inconscientes da Psicanálise Freudiana, tais sujeitos constituem-se no espaço discursivo entre o “um” e o “outro” da enunciação, objeto do desejo do sujeito-enunciador (um), tomado como desejo inconsciente, cujas manifestações são resgatadas, na superfície discursiva, a partir das heterogeneidades mostradas.

Desse modo, o fenômeno da polifonia no discurso literário em Poe, pode ser entendido a partir da seguinte dinâmica: o ID do sujeito-escritor se manifesta no discurso do sujeito-narrador que projeta o objeto de seu desejo no sujeito-personagem a fim de obtê-lo. Este, por sua vez, ao enunciar, circunscreve seu discurso no avesso do discurso do sujeito-narrador, dominando-o.

Não obstante, o EGO do sujeito-escritor é reprimido pelos desejos de seu ID. Sucumbindo aos mesmos, o sujeito-escritor, embate-se com seu SUPEREGO, fonte dotada de moralismos.

## Referência

- BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: HUCITEC, 1992.
- BRANDÃO, H. H. N. Introdução à análise do discurso. Campinas: Unicamp, 1993
- DORIN, L. Psicologia Geral. São Paulo: Ed. do Brasil. 1976
- EAGLETON, T. A Psicanálise In:\_\_\_\_\_: Teoria da literatura: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes. 1983
- GARCIA-ROZA, L. A. Freud e o inconsciente. São Paulo:2001, 18ª ed.
- JORGE, M. A. C. Fundamentos da psicanálise – de Freud a Lacan. vl.1: As bases conceituais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2ª ed. 2000
- JUNG, C.G. Relação da psicologia analítica com a obra de arte poética In: O espírito na arte e na ciência. Petrópolis: Vozes, 1987. p.54-72
- ORLANDI, E. P. Análise do Discurso: procedimentos e metodologia. Campinas: Pontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. Psicologia e poesia In: \_\_\_\_\_. O espírito na arte e na ciência. Petrópolis: Vozes, 1987. p.73-89
- POE, E. A. A queda da casa de Usher In: \_\_\_\_\_. Edgar Allan Poe: ficção completa, poesia e ensaios. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 244-257
- \_\_\_\_\_. A máscara da morte rubra In: \_\_\_\_\_. Edgar Allan Poe: ficção completa, poesia e ensaios. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 282-286
- \_\_\_\_\_. Ligéia In: \_\_\_\_\_. Edgar Allan Poe: ficção completa, poesia e ensaios. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 230-243

\_\_\_\_\_ **O retrato oval** In: \_\_\_\_\_: Edgar Allan Poe: ficção completa, poesia e ensaios. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

\_\_\_\_\_ **William Wilson** In: \_\_\_\_\_: Edgar Allan Poe: ficção completa, poesia e ensaios. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 258-273

SILVA, A. M.; PINHEIRO, M. S. F.; FREITAS, N. E. **Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos; projetos de pesquisa, monografias, dissertações, teses.** Uberlândia: EDUFU, 2000

### **Voices in William Wilson: a study on the polyphony in Poe by a Psychoanalysis view**

SUMMARY: In this paper I present a part of the research Polyphony in Poe: a psychoanalytic analyses in which I investigate the polyphony in the Edgar Allan Poe's literary discourse, in five tales: "William Wilson", "The Fall of the House of Usher", "Ligeia", "The oval portrait" and "The Masque of the red death" focusing on the indemnificatory processes by French Discourse Analysis in interface with lacanian psychoanalysis

Key-words: Discourse analysis; polyphony; subject; literary discourse; Edgar Allan Poe